

Ima gina ção

Andre
Klojda

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Não é necessário que você saia de casa. Fique à sua mesa e escute. Nem mesmo escute, apenas espere. Nem mesmo espere, esteja absolutamente em silêncio e sozinho. O mundo vai oferecer-se a você para ser desmascarado, ele não pode evitar, em êxtase vai contorcer-se à sua frente.

Franz Kafka

Apresentação

A imaginação, em seu estado mais puro, é uma maneira de conhecer o real por meio da contemplação de imagens às vezes fugazes, às vezes duradouras, cuja impressão deixada em quem as viu é permanente. Essas imagens surgem de uma variedade inumerável de modos, e a mística santa Teresa D'Ávila já as tratava como forma sublime de conhecimento. É, contudo, uma lição para além das fronteiras místico-religiosas. O aforismo de Kafka reproduzido anteriormente compreende mistério semelhante, assim como a fantasmagórica imagem de Michael Furey em *Os mortos*, de Joyce, para ficarmos em exemplos dos grandes ficcionistas do século passado. Quanto ao sentido amplamente difundido de imaginação, cujo parentesco mais próximo talvez seja o fantástico, estamos todos familiarizados.

Nessas narrativas, escritas entre 2012 e 2020, não desfazemos de quaisquer dos conceitos rascunhados acima. O importante é que as imagens sejam contempladas vivamente, de preferência na ordem em que estão dispostas; são reais em sua ilusão. Daí, de vez em quando, não mais do que de vez em quando, vislumbramos algo da verdade.



O Espetáculo

No camarim improvisado, o palhaço ajeita os últimos detalhes da vestimenta. Ele apruma a gola, longa e extravagante, e calça os sapatos de bico comprido.

A poucos metros de distância, fora do trailer em que a trupe se abriga, a menina aproxima-se do pipoqueiro. O pipoqueiro anuncia seu produto e consegue a atenção da criança, que puxa o pai pela calça para que lhe compre um saco da pipoca que o vendedor diz ser a melhor da cidade. Doce e com cobertura de leite condensado, pede a menina. O pipoqueiro entrega um saco de tamanho generoso à pequena e recebe o dinheiro. Ela descobre que não é a melhor pipoca da cidade, mas é muito gostosa. Lambuza o rosto enquanto entra no circo com papai, e procuram bons lugares na plateia.

No outro lado da ampla área circular abrangida pelo parque, um garoto – tem uns dezenove anos, não mais do que isso – opera o carrossel. Veste um macacão azul folgado, uma blusa branca por dentro e um boné colorido. As férias logo vão chegar ao fim, e assim também seu trabalho neste parque antiquado, de bairro, mas charmoso. De forma incompreensível

para os seus amigos, ele prefere passar o dia aqui, onde pode observar o carrossel que lhe inspira fascínio desde quando era criança. Costumava ser trazido para brincar pelo avô.

O movimento do conjunto é ritmado, a música – a mesma de sempre – ao fundo é desajeitada, e todo o ambiente é embalado pelo cheiro de comidas diversas. O carrossel, pensa o garoto, parece imitar a vida, indo e vindo, subindo e descendo, parando, mas sempre voltando a girar – ou será a vida, numa relação invertida e inexplicável, que imita o carrossel?

Um grito, vindo de um menininho enfezado sobre um dos cavalos – Anda logo! –, desperta o jovem operador do transe, e ele dá a partida para as voltas seguintes.

Na entrada principal do complexo, o grande letreiro, a emitir luzes azul e vermelha, é mantido em ordem por um homem bonachão. Trabalha no parque desde o tempo em que tinha a idade do garoto que opera o carrossel e jamais conheceu trabalho fora daqui. Agora, ele é também uma espécie de zelador, responsável por qualquer pequena eventualidade que esteja ao seu alcance resolver.

Várias vezes, imaginou como seria ir para longe e perseguir outros rumos, mas não conseguiu se desapegar do local e ficou, e ficou, e ficou... Em cada uma dessas vezes, desistiu antes de sequer dar o primeiro passo para uma vida nova. No fundo, sempre soube que nunca partiria.

O homem contempla o céu noturno e admira as estrelas.

Do lado de dentro do picadeiro, sob a lona, uma senhora está sentada na arquibancada. Ela não comprou pipoca ou qualquer outra guloseima, sua médica não aprovaria; então

apenas espera pelo início do espetáculo. Quando era jovem, o circo jamais passava pela cidadezinha onde vivia, e ela só podia sonhar com os truques, números e artistas. Está ansiosa.

Os arredores do picadeiro ainda estão cheios, com pessoas a comprar ingressos na última hora, e outras simplesmente a esperar do lado de fora os minutos restantes para a apresentação. Respiram ar fresco, comem, riem e conversam.

Um rapaz, recostado no poste ao lado do pipoqueiro, suspira. Ele tem dois ingressos na mão esquerda. Parece impaciente e desolado; mais desolado do que impaciente, quando analisamos o seu semblante. As pessoas começam a rumar para dentro do circo, e a cada segundo ele parece perder as poucas esperanças que ainda cultiva.

A moça da bilheteria olha o jovem. Acha-o interessante. Eles têm aproximadamente a mesma idade. Caso tivessem um encontro marcado, ela não deixaria de comparecer. Na verdade, se pudesse, abandonaria o guichê e o acompanharia agora mesmo, mas só o que pode fazer neste momento é observá-lo suspirar. Os olhares se encontram; trocam sorrisos pela metade. Ele segue com o fluxo de pessoas, cansado de esperar; ela olha para os lados, na esperança de ver alguma coisa – o quê? –, um sinal de que o certo seria ir também.

O palhaço termina a maquiagem, sorri para o espelho e entra em cena. Todos se agitam e tomam seus lugares, o espetáculo está prestes a começar.



Contato do autor

E-mail: *andreklojda@uol.com.br*

Instagram: *@klojda*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em maio de 2020.
